LEITURA COLABORATIVA DE NARRATIVAS MEDIEVAIS EM UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM DIALÓGICA

COLLABORATIVE READING OF MEDIEVAL NARRATIVES IN A DIALOGIC LEARNING PROPOSAL

LECTURA COLABORADORA DE NARRATIVAS MEDIEVALES EN UNA PROPUESTA DE APRENDIZAJE DIALÓGICO

Caio Monteiro Melo[1]
Andressa Rodrigues de Sousa[2]

RESUMO
Este ensaio apresenta um estudo de natureza bibliográfica, que propõe uma abordagem pedagógica fundamentada na aprendizagem dialógica, com ênfase na leitura colaborativa de narrativas medievais como recurso formativo em contextos escolares. A análise se concentra em obras do ciclo arturiano e discute suas potencialidades para o desenvolvimento de competências éticas, comunicativas e interpretativas, por meio da construção coletiva do conhecimento, da mediação docente e da escuta ativa entre os participantes. Com base nessa fundamentação, é delineado um planejamento didático que articula literatura e práticas educativas dialógicas, culminando na proposição de um evento em que diferentes grupos da comunidade escolar se engajariam em atividades de leitura, adaptação criativa e reflexão crítica. Os resultados do estudo são de caráter reflexivo e indicam que a integração entre narrativas clássicas e metodologias dialógicas oferecem um caminho promissor para o fortalecimento da formação dos estudantes e a construção de ambientes escolares mais cooperativos, significativos e intelectualmente exigentes.
PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem dialógica; leitura colaborativa; narrativas medievais; planejamento didático.

ABSTRACT
This article presents a bibliographical study, which proposes a pedagogical approach based on dialogic learning, with an emphasis on the collaborative reading of medieval narratives as a formative resource in school contexts. The analysis focuses on works from the Arthurian cycle and discusses their potential for the development of ethical, communicative and interpretative skills, through the collective construction of knowledge, teacher mediation and active listening among participants. Based on this foundation, a didactic planning is outlined that articulates literature and dialogical educational practices, culminating in the proposal of an event in which different groups of the school community engage in reading activities, creative adaptation and critical reflection. The results of the study are reflective in nature and indicate that the integration of classical narratives and dialogic methodologies offers a promising path for strengthening student education and building more cooperative, meaningful and intellectually demanding school environments.
KEYWORDS: dialogic learning; collaborative reading; medieval narratives; didactic planning.

RESUMEN
Este artículo presenta un estudio basado en la bibliografía, que propone un abordaje pedagógico fundamentado en el aprendizaje dialógico, con énfasis en la lectura colaboradora de narrativas medievales como recurso formativo en contextos escolares. El análisis se concentra en obras del ciclo arturiano y discute sus potencialidades para el desarrollo de competencias éticas, comunicativas e interpretativas, por medio de la construcción colectiva del conocimiento, de la mediación docente y de la escucha asertiva entre los participantes. Basado en esa fundamentación, es trazada una planificación didáctica que articula literatura y prácticas educativas dialógicas, culminando en la proposición de un evento en que diferentes grupos de la comunidad escolar se compromete en actividades de lectura, adaptación criativa y reflexión crítica. Los resultados del estudio son de carácter reflexivo e indican que la integración entre narrativas clásicas y metodologías dialógicas ofrecen un camino promisorio para el fortalecimiento de la formación de los estudiantes y la construcción de ambientes escolares más cooperativos, significativos e intelectualmente impuestos.
PALABRAS CLAVE: aprendizaje dialógico; lectura colaboradora; narrativas medievales; planificación didáctica.

[1] Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0009-0008-3767-2931.
[2] Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0009-0007-0757-8488.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem o objetivo de demonstrar como a literatura e a aprendizagem dialógica podem ser utilizadas como fonte de desenvolvimento de formas criativas, participativas e colaborativas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades essenciais para professores e estudantes. Em um contexto educacional que valoriza a formação de pessoas capazes de pensar e dialogar com diferentes perspectivas e de construir conhecimentos de forma colaborativa, o uso do método dialógico tem como objeto a literatura, por ser um campo fértil que valoriza o protagonismo, a empatia, a escrita, a expressão oral, dentre outras habilidades socioemocionais.

As obras literárias consideradas clássicas são carregadas de narrativas ficcionais atemporais e simbólicas que podem ser utilizadas como um recurso promissor, uma vez que transcendem o seu tempo de origem, permanecem vivas através das gerações por seu valor estético, simbólico, ético ou cultural. Segundo Calvino (2023), um clássico é uma obra literária cuja mensagem permanece aberta, constantemente atualizada, revelando sentidos que ultrapassam seu tempo e contexto original porque oferece camadas de significado que se renovam a cada leitura e a cada contexto histórico. Por conseguinte, a aprendizagem dialógica é colocada como método do processo educativo, ao promover interações entre os aprendizes e a literatura por uma dinâmica intersubjetiva com os personagens dos livros (Iser, 1996).

Assim, a interação simbólica e ativa do ato da leitura e do diálogo com os personagens (Iser, 1996) possibilita identificações que ampliam a compreensão de si mesmo e do mundo, além de fortalecer sua relação com a literatura enquanto prática formativa. A partir do diálogo entre professores, estudantes, outros representantes da comunidade escolar e personagens literários, acredita-se ser possível desenvolver uma prática docente que contribua para a aprendizagem e a participação de todos os envolvidos.

Vale ressaltar que, ao longo deste ensaio, a expressão “professores, alunos e comunidade escolar” é utilizada com valor explicativo e funcional, e não como distinção conceitual. Compreende-se que professores e alunos são parte constitutiva da comunidade escolar; contudo, a menção separada visa apenas destacar os papéis específicos assumidos por esses sujeitos no planejamento e na execução das atividades propostas, sobretudo no diálogo com familiares, vizinhos, funcionários e demais colaboradores da escola. Essa distinção tem por objetivo realçar a natureza colaborativa, plural e participativa da experiência pedagógica, sem romper com a unidade do conceito de comunidade escolar.

Destaca-se, ainda, que o termo "aprendizagem dialógica" é empregado em conformidade com a abordagem proposta por autores como Ramon Flecha e os pesquisadores da experiência das Comunidades de Aprendizagem (Aubert *et al*., 2018), que concebem o diálogo como um princípio estruturante da construção coletiva do conhecimento. Nota-se que tal concepção não está estrita a uma determinada corrente ideológica, mas fundamentada na ideia de que o saber se desenvolve de forma mais significativa quando mediado pela escuta ativa, pela valorização da diversidade de interpretações e pela cooperação entre sujeitos engajados.

Nessa perspectiva, o processo dialógico é compreendido como uma dinâmica de formação mútua, em que o professor atua como mediador da leitura, da análise crítica e da expressão reflexiva, possibilitando a cada estudante uma participação significativa. Ao adotar esse modelo, o planejamento apresentado neste trabalho busca promover práticas educativas que aliam o envolvimento individual ao compromisso com a aprendizagem do grupo; o reconhecimento do mérito à generosidade intelectual; e o protagonismo estudantil à responsabilidade compartilhada.

Como parte dessa proposta, o ensaio apresenta um planejamento que combina estratégias envolvendo leitura orientada, dinâmicas interativas e adaptações entre fonte da literatura clássica e a cultura contemporânea para a promoção de uma formação que contribua tanto para o pensamento reflexivo dos professores quanto para o enriquecimento das experiências dos estudantes (Calvino, 2023). O plano está fundamentado na ideia de comunidade de aprendizagem (Arena, 2024), que valoriza a participação de diferentes grupos como os colaboradores da escola, os familiares e a vizinhança que se constituem em grupos interativos (Perez, 2019; Bechelli, 2020).

Mediada inicialmente pelo professor, a prática docente planejada com ênfase na leitura dialógica (Adler; Doren, 2017) promoverá e favorecerá as experiências dos estudantes. Para esse intento, foram escolhidas obras de origem medieval relevantes para a história do Rei Arthur, também chamadas de ciclo arturiano: a *História dos Reis da Bretanha*, de Geoffrey de Monmouth; e *A morte de Arthur*, de Sir Thomas Malory.

OBRAS ESCOLHIDAS

As obras escolhidas são reconhecidas como exemplares da cultura humanística e têm como essência valores voltados para a participação e a criação de protagonistas. As lições deixadas por pensadores clássicos preservam valores atemporais que continuam a contribuir

para as discussões contemporâneas. Essas influências têm um papel importante na consolidação de temas que são fundamentais para uma educação inclusiva (Calvino, 2023).

Os valores preservados por essas obras da cultura humanística também fornecem uma base rica para a formação de virtudes como o respeito ao próximo, a humildade nas inter-relações e também empatia, perseverança, companheirismo, lealdade, justiça e coragem. Inseridas em um contexto dialógico e democrático, elas promovem um ambiente escolar que fomenta a curiosidade e a experiência entre professores e alunos (Macintyre, 2021).

O uso de fontes literárias torna-se um paradigma educativo que visa à formação, transcendendo a mera aquisição de conhecimentos técnicos ou específicos. Trata-se de uma formação holística que abrange o desenvolvimento intelectual, moral e estético, ao preparar os estudantes para compreenderem e praticarem as virtudes que os conduzirão à excelência em atividades de discussão e ao aprendizado coletivo (Calvino, 2023).

Atravessando o tempo, as fontes literárias selecionadas remontam às tradições celtas e às crônicas medievais. A figura de Arthur apareceu, inicialmente, como um líder guerreiro em relatos orais e, posteriormente, na literatura medieval, transformou-se no lendário rei que conhecemos na atualidade. Suas narrativas representam uma fusão entre mitos, história e ficção, que, ao longo dos séculos, moldaram tanto a cultura literária quanto a identidade nacional britânica. A tradição arturiana nasce, assim, de forma fragmentada em fontes celtas e galesas, como o *Livro de Taliesin* e as crônicas galesas *Annales Cambriae*, ambas sem autor definido. Contudo, é *na História dos reis britânicos*, de Geoffrey de Monmouth, escrita por volta de 1136, e em *A morte de Arthur*, de Sir Thomas Malory, datada de 1485, que Arthur é definitivamente estabelecido como uma figura central, retratado não apenas como um líder militar, mas como um rei idealizado (Monmouth, 2022).

Geoffrey de Monmouth foi um clérigo e historiador galês, cujas contribuições à lenda arturiana marcaram um divisor de águas na construção do mito de Arthur. Sua obra *História dos reis britânicos* traça uma narrativa ambiciosa sobre os reis britânicos desde suas supostas origens troianas até o século VII. Embora recheada de elementos ficcionais e lendários, a obra foi amplamente aceita como história real por séculos, influenciando a identidade nacional britânica. A versão de Monmouth lançou as bases para a transformação da história de Arthur em um mito literário complexo e multifacetado citado por poetas medievais (Monmouth, 2022).

Sir Thomas Malory, por sua vez, foi um cavaleiro inglês do século XV reconhecido como o autor de *A morte de Arthur*, escrita entre os anos de 1469 e 1470, durante o contexto político conturbado da Guerra das Rosas. A obra representa uma das sínteses mais

importantes da tradição arturiana em língua inglesa, adaptando narrativas de origens francesas, inglesas e galesas sobre o rei Arthur; os cavaleiros da Távola Redonda; e a busca pelo Santo Graal (Malory, 2020).

Malory conferiu unidade literária e coesão temática a essas histórias e estruturou uma narrativa que articula os ideais de honra, lealdade, sacrifício e justiça com os dramas e as contradições humanas vivenciadas pelos personagens. Sua obra consolidou-se como marco da literatura medieval inglesa e também exerceu influência duradoura sobre a cultura ocidental, sendo redescoberta nos períodos renascentista e vitoriano (Malory, 2020).

O CICLO ARTURIANO

O termo "ciclo arturiano" refere-se ao conjunto de obras literárias que narram as histórias do Rei Arthur, dos Cavaleiros da Távola Redonda e do reino de Camelot. Longe de constituir uma obra única, ele compreende uma constelação de textos que foram adicionados e reescritos ao longo dos séculos, especialmente entre os séculos XII e XV. Apesar de haver variações entre autores e épocas, o ciclo arturiano geralmente segue a vida de Arthur desde a sua concepção, ascensão ao trono, os feitos de seus cavaleiros, até a sua queda trágica. Os temas centrais incluem lealdade, traição, honra, amor e o eterno conflito entre virtude e fraqueza humana (Lacy, 2013).

Iniciado com Geoffrey de Monmouth, o ciclo arturiano foi expandido por Chrétien de Troyes na França, que introduziu o romance cortês e a busca pelo Santo Graal e pelo Ciclo Vulgata, organizando as histórias em prosa. No século XV, Sir Thomas Malory consolidou o ciclo em *A morte de Arthur*, uma síntese das várias tradições que se tornaria a versão mais conhecida da mitologia de Arthur. À medida que o ciclo arturiano foi sendo reinterpretado, deixou de ter apenas o foco épico e heroico, passando a incluir o romance e a espiritualidade cristã, especialmente nas versões francesas e inglesas (Lacy, 2013).

Nos dias atuais, sabe-se que Monmouth utilizou como referências as obras de Gildas, Beda, Nênio, Taliesin e outros. Gildas (~500-570), monge bretão, escreveu *Sobre a Ruína e Conquista da Bretanha* (*De Excidio et Conquestu Britanniae*), que relata a situação da ilha sob domínio romano e invasões dos anglos e saxões. Por sua vez, Beda (673-735), igualmente monge bretão, produziu a *História Eclesiástica do Povo Inglês* (*Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*), abordando o cristianismo e a história britânica. A obra *História dos Bretões* (*Historia Brittonum*), atribuída a Nênio (século IX), menciona Arthur como líder militar, não como rei; e *Os Anais de Gales* (*Annales Cambriae*), datados do século X, são histórias galesas

compiladas anonimamente. De igual maneira, há a obra intitulada *O Livro de Taliesin* (O *Llyfr Taliesin*), que reúne poemas do século VI escritos por Taliesin, narrando sagas de heróis bretões (Monmouth, 2022). Monmouth também utilizou poemas anônimos e genealogias.

O conhecimento dessas fontes revela a grandiosidade do trabalho de Monmouth ao conectar histórias e personagens reais e lendários em uma narrativa fluida e acessível. Tal feito foi tão notável que seu livro se tornou um dos textos não religiosos mais famosos da Idade Média. As mais de 200 cópias, datadas dos séculos XII ao XVI, circularam pela Inglaterra e pela Europa com traduções para o francês e o islandês. Antes da imprensa móvel, todas as cópias eram feitas manualmente. Apesar de sofrerem pequenas variações, as versões ajudaram a consolidar o título pelo qual sua obra ficou mais conhecida, *A História dos Reis da Bretanha* (Monmouth, 2022).

O significado cultural e literário do ciclo arturiano representa, pois, muito mais do que histórias de cavaleiros e reis, simboliza também valores e aspirações das sociedades que o moldaram. Por séculos, a lenda de Arthur tornou-se um espelho da evolução cultural e literária ao ser considerada modelo de: a) liderança e virtude: Arthur é idealizado como o rei justo e perfeito, mesmo em meio às falhas humanas que conduzem à sua queda; b) espiritualidade e moralidade: com a introdução do Santo Graal, pois a lenda incorpora valores cristãos explorando a busca pela perfeição espiritual; c) versatilidade narrativa: o ciclo arturiano serviu como base para reflexões sobre lealdade, traição, amor, amizade e sacrifício, temas universais que permanecem relevantes ao longo do tempo (Lacy, 2013).

De fato, as obras de Geoffrey de Monmouth e de Sir Thomas Malory foram cruciais para consolidar a lenda do Rei Arthur na literatura ocidental. A *História dos Reis da Bretanha* moldou as bases da narrativa arturiana e influenciou a identidade nacional britânica ao projetar Arthur como um símbolo de unidade e heroísmo. O ciclo arturiano, por sua vez, oferece um universo narrativo rico que transcende sua origem medieval, adaptando-se a novos contextos e mantendo-se vivo como fonte de reflexão sobre valores éticos, morais e espirituais (Lacy, 2013).

ARTHUR COMO FIGURA EDUCATIVA

Embora seja uma figura lendária e literária, o Rei Arthur demonstra, em suas histórias, qualidades e dificuldades, ambas profícuas de serem trabalhadas em momentos de discussão das obras com os estudantes. Trata-se de um personagem que transcende a narrativa de seu tempo para se tornar um modelo rico em valores educativos. Ele representa um líder político e

militar, além de ser um exemplo de ideal ético e moral, que pode ser explorado como inspiração no contexto pedagógico. Arthur é uma figura que une elementos de liderança, justiça e sacrifício, tornando-se um arquétipo educativo atemporal.

Modelo de virtude e liderança, a figura do Rei Arthur simboliza ideais universais como justiça, igualdade, coragem, responsabilidade e moralidade, que são explorados de forma complexa em diferentes versões, permitindo reflexões profundas sobre ética e comportamento humano. A seguir, serão destacados elementos educativos atribuídos ao personagem Arthur.

Na obra de Monmouth (2022), a história contada remete a um tempo anterior à Idade Média, antes de a ilha ser chamada de Bretanha, quando estava destinada a refugiados da lendária Guerra de Troia. Por essa razão, é considerada uma crônica pseudo-histórica ao mesclar elementos mitológicos com personagens e eventos históricos documentados, como as figuras de Júlio César, imperadores romanos e monarcas gauleses. A figura de Arthur carrega a representação do comandante enérgico, que unifica a Britânia e mobiliza forças contra ameaças externas. Seu exemplo é marcado por campanhas bem-sucedidas que alcançaram não apenas a defesa da ilha britânica, mas também conquistaram parte do continente europeu, como a Gália. Arthur é um arquétipo que demonstra como deve ser um verdadeiro líder, com uma habilidade incomum de unir povos, manter a coesão interna e agir com determinação nas frentes de batalha, evidenciando um modelo de rei-guerreiro em que a liderança é legitimada, tanto pela coragem quanto pela estratégia (Lacy, 2013).

Nesse contexto, a obra de Monmouth (2022) contribuiu para a essência do que viriam a ser, séculos depois, o ciclo arturiano e a simbologia de suas histórias. A figura da lendária espada Excalibur, por exemplo, não nasceu com Monmouth (2022), embora sua obra cite a existência de uma espada usada nas batalhas com outro nome, Caliburno: "Ele também afivelou Caliburno, uma excelente lâmina forjada na ilha de Avallon, e enfeitou sua mão com sua lança, chamada Ron." (Monmouth 2022, posição 150), ou ainda, a espada aparece no trecho em que o homem e a espada se tornam somente um: "[...] ele matava qualquer homem que tocasse com um único golpe e avançava até que, só com Caliburno, ele derrubou quatrocentos e setenta homens." (Monmouth 2022, posição 151). Mesmo não tendo sido Monmouth o criador do nome da espada Excalibur que conhecemos hoje, foi ele que inspirou as versões posteriores.

Na obra de Malory (2020), Arthur é exemplo de obediência e diligência, como ilustra a passagem em que ele atende o pedido de seu irmão para buscar sua espada em um momento de comemoração. O gesto de submissão de Arthur ao obedecer a seu irmão demonstrou sua

lealdade e seu senso de dever, não como uma depreciação de sua importância, mas, pelo contrário, como um sentido de dever e obediência que era importante para aquele momento. No entanto, quando Arthur chegou ao alojamento em que se encontrava a espada, encontrou-o fechado e, ao retornar, viu uma espada cravada em uma pedra e, sem saber de sua importância, retirou-a, sem saber que este ato estava predestinado ao futuro rei da Inglaterra:

> 'E então pensei que meu irmão Sir Kay não deveria ficar sem uma espada, e então vim aqui rapidamente e a tirei da pedra sem nenhum problema.' 'Encontrou algum cavaleiro perto desta espada?' Perguntou Sir Ector. 'Não', respondeu Arthur. 'Então, agora', disse Sir Ector a Arthur 'entendo que você deve ser o rei desta terra.' 'Por que eu?' Disse Arthur. 'Por qual razão?' 'Senhor', disse Sir Ector, 'porque Deus assim o quis, porque nunca deveria um homem ter desembainhado esta espada a não ser que ele seja o rei por direito desta terra. Agora deixe-me ver se você pode colocar a espada de volta onde estava e puxá-la para fora novamente.' 'Isso não é nenhum grande feito', disse Arthur. Ele a colocou na pedra. Em seguida Sir Ector tentou puxar a espada e falhou (Malory, 2020, posição 16-17).

No trecho, Arthur, filho do rei Uther Pendragon, é criado como filho adotivo de Sir Ector, assim como foi planejado por Merlin. Dedicado à sua família, ele demonstrou humildade, obediência, mansidão e compromisso, valores essenciais para formar indivíduos resilientes e preparados para enfrentar desafios na vida pessoal e profissional (Malory, 2020).

Simbolicamente, Arthur representa superação e humildade. Doado pelo pai para uma família adotiva, cresceu aprendendo, desde o princípio, como era a vida de um homem comum. Sem conhecer sua predestinação, demonstrou sua reverência a quem o tinha educado, mesmo sem pretensões de um dia receber as credenciais de um verdadeiro cavaleiro. Porém, segundo Merlin, a predestinação de Arthur estava traçada desde o seu nascimento, como é relatado no momento em que retira a espada da pedra:

> Então Merlin disse em voz alta ao Rei Uther: 'Senhor, seu filho Arthur será rei deste reino depois de você com todos os seus privilégios?' Então Uther Pendragon virou-se e disse para que todos ouvissem: 'Dou-lhe as bênçãos de Deus e peço-lhe que ore por minha alma e, por direito e adoração, reivindique a coroa quando renunciar à minha bênção'. E então ele rendeu sua alma (Malory, 2020, posição 15).

Em tom solene e simbólico, a passagem relata o momento em que Uther Pendragon, pai biológico de Arthur, está à beira da morte, e Merlin, ciente da importância de reconhecer publicamente a linhagem de Arthur, pressiona Uther para que declare seu filho como herdeiro legítimo. Quando Uther abençoa o filho e sugere que Arthur reze por ele após sua morte, ele reforça a transição espiritual do poder: a realeza não é apenas um cargo terreno, envolve também responsabilidade moral e espiritual. Para legitimar, Uther afirma que Arthur tem

direito à coroa por linhagem sanguínea e por "adoração", ou seja, pela reverência e pelo reconhecimento dos outros. Aqui, o termo "adoração" carrega uma ideia próxima de aceitação pública e honra cavaleiresca.

O trecho que se refere à "predestinação" de Arthur como futuro rei descrito na obra de Malory demonstra a correlação entre as obras do ciclo arturiano. Na obra de Geoffrey Monmouth, embora não exista a passagem em que Arthur é abençoado pelo pai ou retira a espada da pedra, há outra passagem equivalente que apresenta a legitimidade de Arthur como líder e em que ele demonstra sua personalidade e valores perante outros líderes locais.

> Com a morte de Uther Pendragon, nobres britânicos de várias regiões se reuniram em Silchester e instaram Dubricio, arcebispo de Caerleon, a coroar o filho de Uther, Arthur, como seu sucessor [...]. Eles já haviam ocupado toda a ilha a partir do Humber ao mar em Caithness. Movidos pela situação de sua terra, Dubricio e seus bispos colocaram a coroa do reino na cabeça de Arthur. Ele era um jovem de quinze anos, de grande promessa e benevolência, cuja bondade inata fazia com que fosse amado por quase todos. Como rei recém-coroado, ele exibiu sua costumeira generosidade (Monmouth, 2020, posição 147).

Portanto, existe uma coerência entre as obras de Monmouth e Malory, mesmo com a separação de séculos de suas escritas. Há um elemento simbolizando que a tradição literária foi respeitada ao manter o personagem Arthur. Essa coerência não está apenas na permanência de Arthur como protagonista, mas também na preservação de temas, símbolos e valores que atravessam o imaginário medieval, sendo continuamente reinterpretados conforme o contexto histórico.

Ainda que as versões mudem em estilo e propósito, há uma linha de continuidade na forma como Arthur representa o ideal de rei justo, corajoso e divinamente escolhido. Esse respeito à tradição não é mera repetição, mas uma reinterpretação contínua do personagem e de seu valor simbólico, algo característico das narrativas fundamentais. Trata-se do que Genette (2026) chama de diálogo intertextual ao longo do tempo, ou seja, os textos conversam entre si e com seus leitores, mantendo viva a herança cultural.

Como figura educativa, também há o exemplo de erros e limitações que Arthur vivenciou, como todo ser humano. Em meio às batalhas incessantes, Merlin o interpela:

> [...] Merlin, montado em um grande cavalo preto, aproximou-se de Arthur e disse: "Você nunca termina. Você não fez o suficiente? Dos sessenta mil hoje você deixou apenas quinze mil vivos! Portanto, é hora de dizer 'chega!', pois Deus está zangado porque você nunca termina. Esses onze reis não serão derrubados neste momento, e se você lutar com eles por mais tempo, sua sorte virará e a deles aumentará (Malory, 2020, posição 32).

Em meio a uma batalha, Merlin orienta Arthur a agir com sabedoria, argumentando que há outras formas de vencer o inimigo, não somente pelo conflito armado. O trecho traz a reflexão necessária de como se comportar em momentos difíceis, quando as emoções encobrem a razão, ilustrando a complexidade das decisões e abordando temas como parcimônia, controle emocional e resolução de conflitos.

Os valores simbolizados por Arthur são, certamente, caminhos da aprendizagem que oferecem um repertório rico para a educação, inspirando estudantes a refletirem sobre virtudes e fragilidades fundamentais para a formação ética e social diante de temas que transcendem o contexto medieval e continuam relevantes na contemporaneidade. A utilização da figura de Arthur como modelo educativo permite a exploração de dilemas éticos e morais, bem como a formação de cidadãos críticos, empáticos e comprometidos com o bem coletivo.

Cabe aqui, porém, uma reflexão crítica sobre a representação da figura de Arthur como um herói predestinado, divinamente escolhido para reinar. Embora tal narrativa possua forte valor simbólico e mitopoético, é fundamental, do ponto de vista pedagógico, compreender que o legado de Arthur não reside apenas em sua origem lendária, mas principalmente em seus feitos. Seu papel como líder, articulador político e promotor de valores como coragem, lealdade e justiça, é fruto de uma construção interior que o qualifica como exemplo formativo. Tal postura evita a cristalização de mitos de superioridade e reafirma o compromisso formativo com uma educação que compreende o mérito pessoal, a reflexão crítica e o espírito comunitário.

SÍMBOLOS E ALEGORIAS DO CICLO ARTURIANO

Nesta seção, procura-se demonstrar a relevância da simbologia como elemento educativo. No campo da simbologia e das alegorias, a elaboração da atividade figurada pela narrativa de Arthur é rica em elementos que oferecem uma base criativa para a expressão artística do Rei Arthur; da espada Excalibur; da figura de Merlin; e da traição da esposa de Arthur, Guinevere, com o cavaleiro Lancelot. A análise desses quatro elementos centrais permite compreender como essas narrativas funcionam enquanto veículos de aprendizado e reflexão ética, ressoando na formação dos jovens (Campbell, 2024).

A jornada de Arthur, de um jovem desconhecido a rei, representa um arquétipo de ascensão baseado na virtude. Diferente de outros monarcas que herdam o poder por linhagem, Arthur tornou-se rei servindo com lealdade a quem tinha como irmão, conforme demonstrado anteriormente. Esse percurso pode ser compreendido dentro da tradição educacional ocidental

como um exemplo de formação do caráter, um processo que envolve aprendizado, mentoria e superação de desafios.

Ao longo da lenda, Arthur se desenvolve por meio da orientação de Merlin e da convivência com seus cavaleiros, demonstrando que a liderança legítima não se baseia na força bruta, mas na capacidade de tomar decisões justas e equilibradas. Essa narrativa se aproxima do conceito de paideia na educação grega da antiguidade, quando o aprendizado era concebido como um caminho para a excelência moral e intelectual.

Outro elemento central da mitologia arturiana é a espada Excalibur, símbolo do poder legítimo e da autoridade justa. Diferente das armas que podem ser escolhidas e compradas por qualquer pessoa com objetivo simples de defesa e ataque, Excalibur somente pode ser empunhada por aquele que é digno, reforçando a ideia de que a força deve estar subordinada à moralidade.

Embora não deixe claro nas obras o motivo de somente Arthur ser capaz de retirar a espada, o ato é reconhecido como sagrado, uma eleição divina ou providencial, um símbolo de que ele estava predestinado por forças superiores (Deus, o destino ou os poderes místicos da Bretanha) a ocupar o trono. Sendo assim, não se trata de méritos humanos visíveis, mas de um mistério sacralizado, que confere ao rei uma legitimidade superior à linhagem ou à força física. Dessa maneira, a espada na pedra segue um padrão mítico universal. Arthur realiza um feito impossível diante de todos, como um rito de passagem que confirma sua identidade como herói messiânico. Esse gesto funciona como uma prova iniciática, na qual o verdadeiro rei é reconhecido por uma virtude interna e misteriosa, que só se revela no momento certo (Campbell, 2024).

Por sua vez, a figura de Merlin desempenha um papel essencial como mentor e educador de Arthur. O mago representa a preservação da tradição e do conhecimento, atuando como um guia que não apenas instrui, mas desafia seu aprendiz a desenvolver a própria sabedoria. A relação entre Arthur e Merlin se assemelha à pedagogia socrática, em que o mestre não oferece respostas prontas, mas conduz o aluno a questionar e descobrir por si mesmo. Essa abordagem pode ser relacionada ao pensamento de Bruner (2000), que enfatiza a importância da educação como um processo ativo e interativo, no qual o aprendizado ocorre de forma significativa quando o estudante participa ativamente da construção do conhecimento. No contexto educacional moderno, a figura de Merlin simboliza a necessidade de professores que atuem como mediadores do conhecimento, estimulando o pensamento crítico e a autonomia intelectual de seus alunos.

O ciclo arturiano também apresenta desafios morais e dilemas que contribuem para a reflexão ética. A traição de Guinevere e Lancelot exemplifica as consequências da quebra da confiança e dos valores fundamentais que sustentam uma sociedade. Esse episódio, além de ser um elemento dramático da narrativa, pode ser utilizado pedagogicamente para discutir temas como lealdade, dever e implicações das escolhas individuais. A crise gerada pela traição destrói o relacionamento pessoal entre Arthur e Guinevere, bem como desestabiliza todo o reino, evidenciando a interconexão entre a ética individual e o bem coletivo. Essa temática pode ser explorada dentro da filosofia moral, ao relacionar-se com autores como Aristóteles, argumentando que a virtude não é apenas um atributo pessoal, também é um elemento essencial para a harmonia social (Campbell, 2024).

Dessa forma, a simbologia alegórica da mitologia arturiana transcende sua função narrativa e se configura como um recurso valioso, capaz de desenvolver competências socioemocionais e reflexivas. A partir de sua leitura e análise, é possível trabalhar conceitos de ética, liderança, responsabilidade e justiça, além de fomentar a valorização do conhecimento e da tradição. No ambiente escolar, a aplicação dessas histórias pode ser potencializada por metodologias como a leitura dialógica e os grupos interativos, promovendo uma aprendizagem colaborativa e interdisciplinar.

Com base nessas considerações, vê-se que a mitologia arturiana oferece um vasto campo de exploração educacional. Seu potencial pedagógico reside na riqueza de seus personagens e símbolos e na possibilidade de estabelecer diálogos com diferentes áreas do conhecimento, promovendo um ensino mais profundo e significativo. Logo, o estudo dessas narrativas contribui para a formação dos estudantes, estimulando o desenvolvimento cognitivo, além da reflexão ética e da construção de uma visão crítica sobre o mundo.

Na próxima seção, será apresentado o planejamento em que o método da aprendizagem dialógica conduz as ações. Para ilustrar e incentivar a participação, o planejamento terá o formato de evento inspirado nas *Comic-Cons*, tendo como tema as histórias envolvendo o Rei Arthur.

ARTHURCON: UM PROJETO DE APRENDIZAGEM MEDIADO PELA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

O nome ArthurCon: a jornada cavaleiresca inspira-se em um evento do tipo *Comic Convention*, ou *Comic-Com* em sua forma abreviada. Trata-se de uma expressão da cultura contemporânea dedicada à cultura pop, à criatividade e à imaginação que tem suas raízes na

celebração dos quadrinhos (*comics*) e, com o tempo, passou a incluir diversas formas de narrativa e expressão artística, como ficção científica, fantasia, animes, cosplays, painéis temáticos e workshops (Salkowitz, 2012).

O potencial criativo e dialógico das *Comic-Cons* é expresso nas atividades interativas em que são promovidas palestras com artistas, autores e criadores envolvidos na indústria do entretenimento para a discussão de temas relacionados às narrativas e aos universos das histórias desenvolvidas. São organizados workshops e exposições em oficinas para desenvolvimento de habilidades criativas e espaços que celebram a comunicação entre pessoas, fãs e ídolos (heróis ou vilões). Durante os eventos, são comuns as sessões de perguntas e respostas com interação direta entre o público e criadores, originando um ambiente de aprendizado informal, que promove engajamento, troca de conhecimentos e o fortalecimento de comunidades em torno de interesses comuns (Salkowitz, 2012).

Com relação ao planejamento da ArthurCon, o objetivo é criar conexões entre pessoas por meio de obras medievais, incentivando os participantes a mergulharem em valores, dilemas e simbolismos das histórias. Ao mesmo tempo, busca-se desenvolver nos participantes a habilidade de expressar suas próprias interpretações a respeito das obras, assim como a capacidade de imaginação e pensamento criativo, por meio de atividades de criação de fantasias, roteiros e adaptações.

Esse ambiente criativo promove o engajamento entre os participantes e instiga o espírito de colaboração, reunindo diferentes pessoas com interesses comuns, assim como também propicia o trabalho em equipe, a troca de ideias e a construção de comunidades colaborativas (Arena, 2024). No ambiente escolar, a atividade pode ser adaptada por meio de eventos em que professores e estudantes trabalham juntos para explorar e apresentar elementos das lendas arturianas. A cultura e a interdisciplinaridade também são valorizadas, uma vez que a proposta integra diferentes mídias e formas de arte como literatura, cinema, quadrinhos, teatro e música e conecta diversas disciplinas como história, literatura, filosofia, artes e tecnologia. O modelo *Comic-Con* mostra-se, portanto, altamente compatível com o método da aprendizagem dialógica, pois ambos se baseiam na interação, na troca de saberes e na construção coletiva e democrática de conhecimento.

Segundo Perez (2019), é no trabalho de criação de diferentes versões que se faz a riqueza plural do conhecimento. Com base em diferentes perspectivas e talentos, o evento é planejado por meio de equipes formadas, principalmente, por professores e alunos de diferentes idades e contextos, com o intuito de promover o trabalho colaborativo e construir

comunidades de aprendizagem (Aubert *et al*., 2018), que podem reunir, entre outros, representantes dos colaboradores da escola, familiares e vizinhança.

DIALOGICIDADE DE ARTHURCON

No planejamento da ArthurCon, a Jornada Cavaleiresca é uma proposta educacional centrada no diálogo, na criação coletiva e na leitura crítica de obras clássicas tradicionais ligadas ao ciclo arturiano. Estruturado a partir dos princípios da aprendizagem dialógica, o evento cria um ambiente formativo em que a comunidade escolar (Perez, 2019) se envolve em uma construção coletiva de saberes, partindo da interação de valores, personagens e símbolos presentes nas narrativas medievais.

De acordo com Aubert *et al*. (2018), a aprendizagem dialógica se configura por meio da valorização do diálogo igualitário, da escuta ativa (Carnegie, 2023) e da interação significativa entre todos os sujeitos do processo educativo. Na ArthurCon, essas interações se concretizam por meio de rodas de leitura orientada, debates sobre dilemas éticos das histórias e de oficinas, painéis e momentos criativos, para que os estudantes possam interpretar, adaptar e ressignificar os conteúdos literários em diferentes formatos, como produção textual, expressões visuais, exposições e apresentações orais.

Essa perspectiva está em consonância com o pensamento de Bakhtin (2023, p.?), para quem todo processo de significação é essencialmente dialógico, pois "todo enunciado vive na fronteira com o já-dito" e carrega em si uma resposta ao outro. Dessa forma, ao promover leituras compartilhadas de obras literárias com mediação pedagógica intencional, a prática aqui proposta estabelece um espaço de diálogo genuíno entre os envolvidos no planejamento, de modo que favoreça a formação do juízo crítico, o desenvolvimento da linguagem, o respeito à alteridade e o senso de responsabilidade coletiva. Nesse contexto, o mérito pessoal emerge, não em oposição ao grupo, mas como contribuição singular à construção do saber comum.

Trata-se de uma abordagem que estimula o desenvolvimento das habilidades cognitivas e comunicativas dos participantes, contribuindo para a formação do caráter e o fortalecimento de competências socioemocionais, tais como empatia, cooperação, escuta e responsabilidade ética (Carvalho, 2021). Conforme destacam Gabassa, Mello e Braga (2012), é no encontro entre diferentes experiências e saberes, mediados pelo diálogo, que se forma uma comunidade de aprendizagem, capaz de transformar tanto os sujeitos quanto o ambiente em que estão inseridos.

Bruner (2000) também observa que o processo educativo deve permitir ao aluno interpretar e recontar o mundo em termos simbólicos, narrativos e culturais. Ao propor que os estudantes dialoguem com os valores presentes nas histórias dos cavaleiros da Távola Redonda, como justiça, lealdade, coragem, humildade e retidão, o projeto oferece um espaço simbólico, possibilitando a reflexão crítica de cada um sobre a própria conduta, escolhas e o seu papel na escola e na sociedade.

Vale ressaltar que a ArthurCon não se limita à leitura e à mera reprodução de histórias, mas busca promover um ambiente dialógico de experimentação, autoria e protagonismo estudantil, em que os participantes aprendem com os textos e a partir deles, constroem novos sentidos, colaboram entre si, desenvolvem produções criativas e compartilham seus conhecimentos com a comunidade. A participação ativa de familiares, professores e membros da vizinhança amplia ainda mais o alcance formativo da iniciativa, configurando um espaço de educação integral, democrática e ética, comprometida com o florescimento intelectual e moral dos estudantes (Aubert *et al*., 2018).

Outro elemento instigador da proposta é o engajamento por meio da competitividade dos participantes. A organização da atividade conta com a avaliação dos envolvidos, sem se distanciar dos princípios da aprendizagem dialógica. A competição é concebida, não como instrumento de exclusão ou vaidade, mas como fator motivador para o engajamento colaborativo, promovendo interações horizontais, partilhas de saberes e responsabilidade coletiva pelo resultado comum (Macintyre, 2021). Inspirado nessa ideia, o evento favorece a participação ativa e equitativa de estudantes, professores, familiares e colaboradores, permitindo que todos contribuam, aprendam e se desenvolvam juntos.

Detalhadamente, cada equipe participante é formada por estudantes com diferentes habilidades, o que exige diálogo constante entre os membros, além da escuta ativa (Carnegie, 2023), da valorização das contribuições individuais e do planejamento coletivo. A diversidade de categorias (melhor orador, melhor painel, melhor versão adaptada, melhor cosplay, entre outros) permite que talentos variados sejam reconhecidos, e os estudantes experimentem a construção de sentido em grupo.

Ao invés de promover a competição como fim em si mesma, a ArthurCon transforma o evento em uma celebração do esforço mútuo, da escuta sensível (Carvalho, 2021) e da responsabilidade com o outro. O diálogo é o eixo de todo o processo: desde as leituras orientadas pelo professor até a escolha dos temas, o refinamento das ideias e as apresentações. Nesse sentido, a competição torna-se uma estratégia pedagógica que potencializa a

dialogicidade, pois convida os estudantes a cooperarem em busca da excelência, cultivando o respeito, o senso ético, a autonomia e o protagonismo responsável.

A ArthurCon cria, assim, um espaço onde as histórias arturianas são o pano de fundo para atividades interativas e criativas. O formato de *Comic-Con* é o modelo pedagógico para combinar criatividade, colaboração e interdisciplinaridade com um aprendizado ativo e participativo. O planejamento permite que os estudantes se envolvam e desenvolvam competências cognitivas e socioemocionais, ao conectar valores humanísticos ao dinamismo contemporâneo. A seguir, é demonstrado o planejamento.

QUADRO 01 – Planejamento do evento ArthurCon

Título do Evento: ArthurCon: a Jornada Cavaleiresca **Slogan:** *Viva a lenda e encarne o espírito cavaleiresco ao presente!*
1. Objetivos relacionados ao evento a) Promover a reflexão ética e moral dos estudantes, destacando valores como coragem, justiça, lealdade e responsabilidade. b) Estimular a criatividade e a produção coletiva em diferentes formatos, como painéis, workshops, apresentações e adaptações literárias. c) Desenvolver competências como oratória, escrita, design criativo e trabalho colaborativo por meio de categorias diversificadas. d) Fomentar o aprendizado ativo e interdisciplinar, utilizando o método da aprendizagem dialógica para integrar professores, estudantes e comunidade escolar. e) Criar uma competição saudável e inclusiva, premiando diferentes talentos e incentivando o protagonismo estudantil.
1.1 Objetivos relacionados ao aprendizado dialógico **a) Incentivar a construção de comunidades de aprendizagem,** por meio da colaboração entre estudantes, professores, familiares e membros da comunidade escolar, promovendo o diálogo e a troca de saberes em um ambiente inclusivo e participativo. **b) Desenvolver o senso de pertencimento e solidariedade** entre os participantes, valorizando a contribuição de cada membro da comunidade de aprendizagem e reconhecendo a importância do trabalho coletivo para o sucesso do evento. **c) Promover o diálogo intergeracional e intercultural**, permitindo que diferentes perspectivas enriqueçam o aprendizado dos estudantes e fortalecendo os laços entre a escola e a comunidade. **d) Fortalecer a responsabilidade compartilhada pelo aprendizado**, incentivando que todos os envolvidos assumam papéis ativos na construção do conhecimento e na realização das atividades do evento. **e) Fomentar a reflexão crítica e a prática dialógica** ao longo do planejamento e da execução do evento, estimulando os participantes a dialogarem sobre valores éticos, dilemas morais e soluções criativas em um contexto colaborativo. **f) Incentivar a participação ativa da comunidade escolar**, envolvendo processos decisórios, grupos interativos e atividades práticas para apoiar e enriquecer a experiência dos estudantes durante o evento. **g) Valorizar a diversidade de talentos e perspectivas**, garantindo que todos os participantes encontrem espaço para contribuir e crescer, além de promover uma aprendizagem que respeite as diferenças e enriqueça o coletivo.
2. Metodologia e dinâmica da competição A *ArthurCon* será organizada como uma **competição por equipes**, em que os estudantes se engajarão em diferentes atividades, acumulando pontos por categoria. A colaboração será central, cada equipe contribuirá

para a criação de oficinas, painéis, workshops e adaptações criativas.

a) Estrutura das equipes:

- Equipes formadas por alunos de diferentes idades e turmas para promover a troca de conhecimentos e habilidades.
- Cada equipe será responsável por decidir quais categorias priorizar.

b) Sistema de pontuação:

- Cada categoria terá uma pontuação máxima, com bonificações para equipes que participarem de todas as atividades.
- As categorias adicionais premiarão tanto os esforços individuais quanto os coletivos, ampliando o reconhecimento dos talentos.

3. Categorias da competição

As equipes competirão em diversas categorias, explorando habilidades criativas, reflexivas e colaborativas:

a) Leitura pública:

- Apresentação de um trecho da obra, com foco em clareza, interpretação e fidelidade ao texto.
- **Pontuação máxima:** 25 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Entonação, expressividade e conexão com o público.

b) Palestras e painéis:

- Apresentações curtas sobre temas como liderança, ética e valores cavaleirescos.
- **Pontuação máxima:** 25 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Clareza, relevância, organização e habilidade oratória.

c) Adaptação escrita:

- Criação de versões adaptadas ou modernizadas dos trechos escolhidos.
- Pontuação Máxima: 25 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Criatividade, fidelidade ao tema, estrutura e linguagem.

d) Memorização de trechos:

- Recitação de trechos extensos da obra original, com fidelidade e confiança.
- **Pontuação máxima:** 20 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Extensão do trecho, precisão e entonação.

e) Cosplay (melhor fantasia):

- Representação visual de um personagem da lenda arturiana.
- **Pontuação máxima:** 25 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Criatividade, fidelidade ao personagem e impacto visual.

f) Melhor representação de personagem:

- Interpretação de um personagem, com falas e posturas que o caracterizem.
- **Pontuação máxima:** 25 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Habilidade de atuação, fidelidade e conexão com o público.

g) Melhor oficina:

Atividade prática organizada por uma equipe, voltada para ensinar habilidades específicas relacionadas ao ciclo arturiano (ex.: criação de escudos, elaboração de adaptações).

Pontuação máxima: 25 pontos.

Critérios de avaliação: Criatividade, engajamento dos participantes e relevância.

h) Melhor painel:

- Apresentação temática desenvolvida por uma equipe, promovendo debates e reflexões sobre temas da lenda arturiana.
- **Pontuação máxima:** 20 pontos.
- **Critérios de avaliação:** Profundidade do tema, coesão do grupo e engajamento do público.

i) Melhor obra adaptada:

- Produção escrita ou multimodal, que reinterprete a obra arturiana de maneira criativa e relevante.
- **Pontuação máxima:** 25 pontos.

● **Critérios de avaliação:** Inovação; qualidade do texto ou formato; e conexão com a obra original.
4. Sistema de pontuação geral

Categoria	**Pontuação máxima**
Leitura Pública	25 pontos
Palestras e Painéis	25 pontos
Adaptação Escrita	25 pontos
Memorização de Trechos	20 pontos
Cosplay (melhor fantasia)	25 pontos
Melhor representação de personagem	25 pontos
Melhor oficina	25 pontos
Melhor workshop	25 pontos
Melhor painel	20 pontos
Melhor obra adaptada	25 pontos

5. Bonificações:

● Participação em todas as categorias: +10 pontos.
● Trabalho em equipe observado durante o evento: +5 pontos.
● Votação do público (via QR code): +5 pontos para cada categoria mais votada.

6. Premiação

a) Equipe campeã:
● Troféu *ArthurCon* para a equipe vencedora, além de certificados e menções honrosas para todos os membros.

b) Prêmios individuais:

● Melhor orador.
● Melhor adaptação escrita.
● Melhor memorização.
● Melhor cosplay.
● Melhor representação de personagem.
● Melhor oficina.
● Melhor workshop.
● Melhor painel.
● Melhor obra adaptada.

7. Referências do planejamento

ADLER, Montimer J.; DOREN, Charles Van. **A arte da leitura**: diálogos. Tradução: Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2017.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
MELLO, Roseli; BRAGA, Fabiana M.; GABASSA, Vanessa**. Comunidades de aprendizagem**: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.
MALORY, Thomas. **A morte de Arthur**. Tradução: Artur Avelar. Belo Horizonte: Barbudania, 2020.
MONMOUTH, Geoffrey. **A história dos reis da Bretanha**. Tradução: Artur Avelar. Belo Horizonte: Barbudania, 2022.

Fonte: elaborada pelos autores.

A próxima seção apresenta análises relativas às habilidades necessárias por parte do professor e dos estudantes para a realização da proposta. O fundamento é a contribuição prática do potencial de um planejamento, com base no método da aprendizagem e da leitura dialógica.

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DOS PROFESSORES

Durante o planejamento, o papel do professor é o de iniciar o diálogo para transformar a leitura das obras literárias em uma prática coletiva e reflexiva. O método da aprendizagem dialógica coloca o diálogo e a interação no centro do processo educativo, e não o professor, permitindo que todos os participantes contribuam para a construção do conhecimento. Um de seus elementos é o diálogo igualitário, em que todos têm o direito de expressar suas ideias e interpretações, construindo sentidos coletivamente por meio de debates e discussões. O empenho dos participantes está em refletir sobre suas práticas e valores aplicados à vida escolar e ao cotidiano (Aubert *et al*., 2018).

Dentro do processo educativo, o professor tem as funções de incluir a participação ativa; garantir diferentes vozes e perspectivas que valorizam a colaboração e a empatia; estimular o respeito e a compreensão mútua; e fortalecer os laços entre os envolvidos. Dessa maneira, os professores desenvolvem competências críticas e analíticas por escrutinar as obras escolhidas e os diálogos realizados, identificando os principais aprendizados e as reflexões dos alunos. Por outro lado, aperfeiçoam sua capacidade avaliativa e formativa ao utilizarem dinâmicas que valorizam o processo de aprendizado.

Tendo como tema as histórias do Rei Arthur, o professor coloca em prática a ideia de que o conhecimento é construído coletivamente por meio do diálogo igualitário, da interação significativa e da valorização de múltiplas vozes (Perez, 2019). Quando um ambiente educativo promove momentos criativos de troca, expressão e escuta, ele está alinhado com os pressupostos desse método. Para se alcançar o objetivo, é necessário que haja diálogo com base na igualdade com todas as pessoas envolvidas, sem as posições de autoridade (Perez, 2019).

Da mesma maneira, é importante o direcionamento das atividades inseridas em uma lógica de transformação, em que as experiências e as interações provoquem mudanças em quem participa na forma de pensar, sentir e agir. O conhecimento é construído coletivamente e expandido por meio da escuta, da crítica construtiva e da coautoria. Destarte, a intencionalidade formativa é alcançada, sabendo-se que o foco da atividade é a performance ou a exibição, além do crescimento educacional, ético, crítico e colaborativo dos participantes. O professor é o mediador responsável por conduzir o início da integração dos envolvidos (Carvalho, 2021).

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DOS ESTUDANTES

Para o estudante, o evento ArthurCon: A Jornada Cavaleiresca é uma experiência educacional que promove o desenvolvimento de diferentes dimensões ao unir a leitura das lendas arturianas ao método da aprendizagem dialógica, cujo modelo pedagógico enriquece o conhecimento histórico e literário, fomentando habilidades cognitivas, socioemocionais, comunicativas, criativas, tecnológicas e estéticas.

Inspirado por textos como *A História dos Reis da Bretanha,* de Geoffrey de Monmouth; e *A Morte de Arthur*, de Sir Thomas Malory, o evento transforma o aprendizado em uma prática reflexiva e colaborativa, proporcionando um ambiente em que o diálogo é a chave para a construção do conhecimento coletivo. As habilidades cognitivas são amplamente estimuladas por meio da leitura e da interpretação crítica das obras, cujas narrativas ricas e complexas exigem dos alunos uma análise profunda dos valores cavaleirescos e das estruturas sociais da época.

A aprendizagem dialógica permite que os estudantes discutam essas obras em grupos interativos, trocando interpretações e aprendendo a questionar as ações dos personagens e a contextualizar temas como justiça e liderança na sociedade atual. Desse modo, são desenvolvidos o raciocínio crítico e a capacidade de síntese.

Além das cognitivas, a ArthurCon fortalece as habilidades socioemocionais, pois os estudantes se envolvem em debates sobre dilemas éticos enfrentados pelos cavaleiros da Távola Redonda, tal qual os apresentados em *A Morte de Arthur*, de Thomas Malory. Com o diálogo sobre temas como lealdade, responsabilidade e redenção, os alunos exercitam a empatia, o respeito às diferentes opiniões e a capacidade de resolver conflitos de forma construtiva. A participação em grupos interativos e a mediação de debates pelo professor promovem a observação, a autoconfiança e resiliência.

Com o método dialógico aplicado durante a ArthurCon, as habilidades comunicativas também são aprimoradas significativamente. O diálogo com base na leitura exige que os alunos organizem suas ideias e as expressem de maneira clara e coesa. As apresentações orais e as adaptações literárias incentivam a prática da oratória e da argumentação. Esse processo permite que os estudantes desenvolvam a habilidade de comunicar-se de forma persuasiva e escutar ativamente seus colegas, respeitando e respondendo às diferentes perspectivas apresentadas durante os debates.

No campo das habilidades criativas, são oferecidas oportunidades para inovação e imaginação. A criação de adaptações das lendas arturianas e a elaboração de painéis e oficinas

exigem que os alunos compartilhem ideias e construam coletivamente novas interpretações. A possibilidade de reinterpretar personagens e cenários, como os cavaleiros da Távola Redonda ou a figura de Arthur, estimula sua identificação com personagens e, assim, seu espírito criativo. Esse processo colaborativo incentiva os estudantes a explorarem soluções inovadoras e a expressarem suas visões de mundo de forma artística e significativa.

Por meio da integração de recursos digitais, as habilidades tecnológicas e de mídia também são promovidas, com ferramentas como votações on-line via QR code e apresentações multimídia. O método dialógico facilita a troca de conhecimentos técnicos entre os participantes, promovendo o uso responsável e crítico das tecnologias. Logo, os estudantes aprendem a aplicar a tecnologia para enriquecer suas apresentações e compartilhar suas produções com a comunidade escolar.

Em suma, observa-se que a ArthurCon: A Jornada Cavaleiresca combina literatura clássica e aprendizagem dialógica para desenvolver coletivamente competências essenciais com os estudantes. Nessa abordagem, os alunos adquirem conhecimentos literários e habilidades socioemocionais, comunicativas, criativas e tecnológicas. O evento possibilita o aprendizado em uma experiência colaborativa e significativa, ao preparar os estudantes para os desafios contemporâneos com ética, inovação e empatia.

O POTENCIAL DO PLANEJAMENTO COLETIVO

Em um processo de construção conjunta do conhecimento, o planejamento do projeto na escola é uma iniciativa que mobiliza professores, estudantes e comunidade escolar em uma abordagem que valoriza a contribuição de múltiplas vozes para o desenvolvimento educacional. Além disso, reconhece o compartilhamento de experiências com as histórias de vida dos mais velhos, como, por exemplo, uma mãe que ajuda na confecção de figurinos ou um vizinho que pode contribuir com conhecimentos técnicos para as apresentações, possibilitando o intercruzamento de saberes entre gerações, o fortalecimento dos laços comunitários e a criação de um ambiente educacional mais inclusivo e colaborativo.

Os familiares desempenham um papel essencial no sucesso da aprendizagem dialógica e, ao fazer parte do planejamento e das atividades da ArthurCon, os pais e os responsáveis se tornam parceiros ativos na educação dos alunos. Eles contribuem de diversas formas, quando ajudam na organização de atividades, participam de debates e votações, ou mesmo oferecem suporte logístico e emocional.

Essa participação fortalece a relação entre escola e família, podendo surgir uma rede de apoio que incentiva os estudantes a se envolverem mais profundamente nas atividades educacionais. As iniciativas são mais valorizadas e apoiadas e geram, consequentemente, maior motivação, autoconfiança e responsabilidade. A presença dos familiares nas atividades escolares também cria oportunidades para diálogos intergeracionais, em que experiências de vida e valores são compartilhados e discutidos.

Por sua vez, os colaboradores da escola, como funcionários administrativos, zeladores, bibliotecários e assistentes, também desempenham um papel crucial na promoção da aprendizagem. Eles podem auxiliar na organização dos espaços, no suporte técnico e logístico, e até na condução de atividades específicas; um bibliotecário, por exemplo, pode ajudar na pesquisa de textos enquanto um assistente pode contribuir com a organização dos materiais para as oficinas.

Destaca-se, ainda, o engajamento da vizinhança na ArthurCon, que amplia o alcance do evento e fortalece os vínculos entre a escola e a comunidade local. Moradores da região podem trazer seus conhecimentos, habilidades e recursos, enriquecendo as atividades planejadas. Oficinas práticas, palestras e apresentações podem incluir a participação de membros da vizinhança com experiências relevantes. Essa interação promove a valorização da cultura local e permite que os estudantes compreendam a importância da comunidade em seu processo de aprendizado. Do mesmo modo, a abertura da escola para a vizinhança cria um ambiente de colaboração e confiança, onde a educação se torna uma responsabilidade compartilhada por todos.

O envolvimento de familiares, colaboradores e vizinhos permite a formação de redes colaborativas que garantem a realização das atividades planejadas, mesmo diante de limitações de recursos. Rifas, leilões, doações e oferecimento de mão de obra voluntária são exemplos de como a comunidade pode se unir para viabilizar a ArthurCon. Essa colaboração promove valores como solidariedade, cooperação e responsabilidade social.

O fato de a comunidade se envolver no processo educativo traz inúmeros benefícios, como a troca de experiências entre diferentes grupos, o que torna o aprendizado mais concreto e relevante. O fortalecimento da identidade e o pertencimento dos estudantes fazem com que eles se sintam valorizados ao contribuir para uma formação que vai além dos conteúdos curriculares para abranger valores éticos, sociais e culturais.

Nesse sentido, o evento beneficia alunos e professores, fortalece a comunidade escolar como um todo, maximiza o envolvimento de familiares e membros da comunidade num ambiente de apoio mútuo e colaboração, evidenciando que o desenvolvimento de uma cultura

dialógica faz da escola um espaço aberto e respeitoso, onde todos podem contribuir para o crescimento coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidencia que a integração entre literatura e aprendizagem dialógica é uma estratégia pedagógica capaz de revitalizar o processo educacional contemporâneo. Em um contexto onde a difusão de conhecimentos, muitas vezes, é fragmentada e limitada tecnicamente, essa abordagem resgata o valor da educação como formação integral e humanística. As atividades desenvolvidas, por meio desse modelo, estimulam o intelecto e promovem reflexões éticas e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para o século XXI.

Os mitos, mais do que expressões do imaginário antigo, desempenharam papel central na formação da imaginação ocidental e, por seu valor cultural e estético, seguem sendo objeto de estudo no pensamento contemporâneo (Franck Junior; Moura Fé, 2023). Procurou-se, assim, compreender a obra literária diante de suas narrativas ricas em simbolismos, dilemas morais e representações de valores universais, possibilitando que os estudantes tenham acesso a um repertório cultural profundo. Por meio dessas narrativas, os alunos se deparam com contextos que exigem a interpretação crítica, a análise reflexiva e a conexão com suas próprias experiências. Esse processo não é meramente uma absorção de conteúdos, mas uma jornada realizada pelos alunos em direção à compreensão de si e do mundo em que estão inseridos. Pela literatura, os estudantes aprendem a questionar, a refletir e a enxergar as nuances da condição humana, transcendendo o imediatismo e a superficialidade.

Em suma, o método da aprendizagem dialógica cria o ambiente propício para que essa atividade literária se desdobre em práticas coletivas e colaborativas. Ao colocar o diálogo no centro do processo de aprendizagem, o método transforma a escola em uma comunidade de construção de saberes, onde cada voz é valorizada e cada contribuição amplia o horizonte de compreensão dos envolvidos. Esse modelo rompe com a hierarquia unidirecional do ensino e promove uma educação mais democrática e inclusiva, tendo em vista que o conhecimento é fruto de interações e reflexões compartilhadas (Arena, 2024).

Como foi observado, o envolvimento dos participantes permite o desenvolvimento de diversas competências cognitivas, comunicativas, criativas e socioemocionais. Em conjunto, eles desenvolvem habilidades de leitura, interpretação e argumentação, bem como aprendem a cooperar, a respeitar diferentes pontos de vista e a se engajar em processos de resolução de

conflitos e construção coletiva. Verifica-se que, quando a escola se abre para o diálogo com seu entorno, a aprendizagem se torna uma responsabilidade compartilhada, e o processo educativo ganha em profundidade e relevância. O senso de pertencimento promove uma educação que não se limita à sala de aula, mas se estende para a vida em comunidade.

Enquanto experiência competitiva, um evento de apresentação de talentos possibilita a prática de princípios da aprendizagem, demonstrando como o espírito de colaboração, escuta e construção coletiva pode emergir mesmo em contextos tradicionalmente marcados pela disputa. Ao invés de fragmentar ou excluir, a competição estruturada em múltiplas categorias valoriza as diferentes potencialidades dos estudantes e promove um ambiente de interdependência produtiva, onde cada equipe dialoga, planeja, compartilha conhecimentos e respeita as contribuições individuais para alcançar o êxito coletivo. Além de fortalecer o vínculo entre os participantes, essa dinâmica confirma que a verdadeira excelência pedagógica não se alcança pela rivalidade, mas pela vivência ética do diálogo e pela comunhão de propósitos formativos.

Este ensaio propõe um percurso formativo que integra diferentes atores e reafirma a importância de relembrar a dimensão humanística da educação. A literatura e a aprendizagem dialógica, quando trabalhadas interdisciplinarmente, permitem que a educação retorne à sua vocação original de formar pessoas capazes de pensar criticamente, agir eticamente e contribuir de maneira significativa para a sociedade. Essa combinação representa um caminho fecundo para o desenvolvimento de um modelo de educação que valoriza o ser humano em sua totalidade, oferecendo uma formação capaz de transcender a mera aquisição de conteúdos e preparar os alunos para os desafios de uma realidade em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ADLER, Montimer J.; DOREN, Charles Van. **A arte da leitura**: diálogos. Tradução: Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2017.

ARENA, Carla. **Um puxa o outro**: como construir comunidades colaborativas de aprendizagem. São Paulo: Map Lab, 2024.

AUBERT, Adriana *et al*. Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: EduUFCar, 2018. **Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 4, n. 2, p. 95–97, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/478>. Acesso em: 20 maio. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Editora 34, 2023.

BECHELLI, Fabrizio. **Dinâmicas de grupo**: 25 exercícios para estimular interações. São Paulo: Matrix, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Campinas: Edições 70, 2000.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Palas Atena, 2024.

CARNEGIE, Dale. **Escute!**: Como se comunicar de forma eficaz. Tradução: Carolina Simmer, Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2023.

CARVALHO, Margly Octavia Genofre de. **Escuta Sensível**: protagonismo na educação. São Paulo: Paco Editorial, 2021.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução: Sônia Queiros. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FRANCK JUNIOR, Wilson; MOURA FÉ, Francisca Cecília de Carvalho. Personificações divinas da justiça na Grécia antiga: uma análise das estruturas do direito no simbolismo mítico-religioso de Zeus, Têmis, Dike e Palas Atena. **Revista Literatura em Debate**, v. 18, n. 32, p. 107–128, 2023. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4429. Acesso em: 20 fev. 2025.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma Teoria do Efeito Estético: Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

LACY, Norris J. **The New Arthurian Encyclopedia**. New York: Routledge, 2013.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Tradução: Jussara Simões. Campinas: Vide, 2021.

MALORY, Thomas. **A morte de Arthur**. Tradução: Artur Avelar Belo Horizonte: Barbudania, 2020. E-book Kindle.

MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini.; GABASSA, Vanessa. **Comunidades de Aprendizagem**: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

MONMOUTH, Geoffrey. **A história dos reis da Bretanha**. Tradução: Artur Avelar. Belo Horizonte: Barbudania, 2022. E-book Kindle.

PEREZ, Tereza (org.). **Diálogo escola-família**: Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. São Paulo: Moderna, 2019.

SALKOWITZ, Rob. **Comic-con and the business of pop culture:** what the world's wildest trade show con tell us about the future of enternainment. Nova York: McGraw-Hill, 2012.

SOBRE OS AUTORES

Caio Monteiro Melo
Graduado em História (PUC-GO), mestre em Educação e doutor em Direito do Conhecimento pela UFBA. Como professor do curso de Pedagogia no Campus Palmas/TO da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), desenvolve pesquisas nas áreas de História da Educação, Epistemologia e Formação Docente, com ênfase nas relações entre cultura, literatura, história e saberes pedagógicos. Suas investigações centram-se na educação fundamentada na ética e no pensamento crítico como dimensões essenciais da formação humana.
E-mail: caio.mm@unitins.br

Andressa Rodrigues de Sousa
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS. Possui experiência como bolsista de iniciação científica (Pibic) e de iniciação à docência (Pibid), com atuação na educação infantil e ênfase na formação literária. Desenvolve pesquisas sobre o uso pedagógico de contos de fadas como contribuição para o cultivo de habilidades, valores e competências na infância, com foco nos aspectos simbólicos e culturais. Sua investigação acadêmica pauta-se por um compromisso com uma educação de qualidade que integra teoria e prática no contexto da atualidade.
E-mail: andressarodriguesdesousa@gmail.com

Artigo recebido em: 22/06/2025.
Artigo aceito em: 24/10/2026.